

História e Linguagem: uma perspectiva discursiva

Magda Soares*

Resumo

O artigo discute as relações entre a História e as Ciências Lingüísticas e entre a História e o objeto das Ciências Lingüísticas, a linguagem. A primeira parte aponta, de um lado, as Ciências Lingüísticas como instrumento para o estudo da historicidade do homem, e, de outro lado, a História como instrumento para a compreensão da linguagem. O foco do artigo está na segunda parte, em que a linguagem é discutida como forma de expressão da História e como fonte privilegiada da História. À luz da concepção de linguagem como discurso, procura-se analisar o historiador como leitor de documentos e como escritor da História. O livro *O Queijo e os Vermes*, do historiador Guinzburg é utilizado como exemplo da análise proposta.

Palavras-chave

História e Linguagem, História e discurso, Escrita da História, História e Leitura

Abstract

The article is designed to shed light on the relationships between History and Linguistic Sciences, and between History and language. The first section points to Linguistic Sciences as an instrument for studying the history of man, and to History as an instrument for studying language. The second section focuses on language, on the one hand, as the means of putting History into words, and, on the other hand, as a qualified source of historical information. Considering language as discourse, the article analyses historians as readers producing sense from documents and as writers constructing historical meanings. Guinzburg's book, *The Cheese and the Worms*, is taken to illustrate the central thesis.

Keywords

History and Language, History and discourse, History as writing, History and reading

* Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

O título deste artigo anuncia uma re-flexão, feita do ponto de vista de uma concepção da linguagem como discurso, sobre as relações, freqüentemente discutidas tanto por historiadores quanto por lingüistas (mais por aqueles que por estes), entre História e linguagem.

Inicialmente, é interessante confrontar esse binômio com outros também freqüentemente discutidos: História e Filosofia, História e Sociologia, História e Antropologia... Observe-se que não há paralelismo entre esses outros binômios, de um lado, e o binômio História e linguagem, de outro lado: naqueles, propõe-se a correlação entre uma área de conhecimento, a História, e uma outra área de conhecimento, a Filosofia, ou a Sociologia, ou a Antropologia; neste, propõe-se a correlação da História não com esta outra área de conhecimento, a Lingüística, ou, mais apropriadamente, as Ciências Lingüísticas (terminologia que permite fugir à ambigüidade do termo "Lingüística" que, hoje, já não abrange todos os ramos do estudo da linguagem), mas com o objeto dessas ciências, a linguagem: "História e linguagem". Por que não História e Lingüística? ou História e Ciências Lingüísticas? Essa busca das relações não entre áreas de conhecimento, mas entre uma área de conhecimento e o objeto de uma outra área de conhecimento é significativa: ela revela a percepção de que, embora seja possível e até pertinente buscar uma correlação entre a História e as Ciências Lingüísticas, a conexão que realmente se impõe como mais relevante é da História com a linguagem, e não propriamente com as ciências que a tomam como objeto.

Antes, porém, de discutir essa conexão mais impositiva e relevante da História com a linguagem, que é o tema central deste artigo, perguntemos: Quais são as mencionadas possíveis e pertinentes correlações entre a História e as Ciências Lingüísticas?

História e Ciências Lingüísticas

Coerentemente com o termo "correlações" que vem sendo utilizado neste texto, para caracterizar a natureza da

aproximação entre História e outras ciências ou áreas de conhecimento, pode-se afirmar que tanto a História relaciona-se com as Ciências Lingüísticas, quanto as Ciências Lingüísticas relacionam-se com a História — daí a utilização do termo "correlação", correlação, indicando relações mútuas.

Afirma o lingüista Eugenio Coseriu que a linguagem é "a forma fundamental da historicidade do homem" (Coseriu, 1982, p. 48); se assim é, a História encontra, nas Ciências Lingüísticas, instrumentos para o estudo da historicidade do homem; e as Ciências Lingüísticas encontram, na História, elementos para a compreensão da linguagem. Não sendo a linguagem um fenômeno isolado, mas parte constituinte da sociedade e, mais que isso, pré-requisito para o surgimento e o desenvolvimento de uma sociedade, é impossível estudá-la sem estudar outros aspectos da sociedade, entre eles, ao lado do político, do social, do antropológico, o aspecto histórico; e é também impossível estudar esses outros aspectos da sociedade, o histórico entre eles, sem tomar a linguagem como produto e processo da constituição deles.

Tomemos um dos lados da correlação entre a História e as Ciências Lingüísticas: a História encontra, nas Ciências Lingüísticas, instrumentos para o estudo da historicidade do homem. Afirma Roy Porter, na Introdução do livro que organiza juntamente com Peter Burke — *Linguagem, indivíduo e sociedade* — que a linguagem é "um recurso para a investigação histórica" (Porter, 1993, p.15). Este livro, organizado por dois historiadores, e constituído de ensaios cujos autores são, em sua maioria, também historiadores, é um expressivo exemplo de como a História encontra, nas ciências da linguagem, instrumentos para o estudo da historicidade do homem, e recursos para sua investigação: no livro, ensaios que estudam línguas chamadas "autoritárias", outros que examinam políticas de uso lingüístico, outros, enfim, que analisam o léxico, ou, nas palavras de Roy Porter, "a importância histórica das maneiras mutáveis, especializadas, de nomear as

coisas e expressar sentimentos" (p.16), levam à construção de uma História Social, e evidenciam a interação entre a História e as Ciências Linguísticas.

Passemos ao outro lado da correlação entre a História e as Ciências Linguísticas: as Ciências Linguísticas encontram, na História, elementos para a compreensão da linguagem. Se, repetindo a citação de Roy Porter, a linguagem é "um recurso para a investigação histórica", a História é, por sua vez, um recurso para a investigação linguística. Ao investigar tanto a história interna da língua quanto sua história externa, é na História que as Ciências Linguísticas encontram seu quadro de referência. Assim, é na História que as Ciências Linguísticas vão buscar as razões para a multiplicidade e diversidade das línguas; é com base na História que as Ciências Linguísticas tentam classificar as línguas em famílias; é na História que as Ciências Linguísticas vão buscar explicação para a mudança das línguas ao longo do tempo.

Em contraponto ao livro de Burke e Porter, citado como um expressivo exemplo de como a História encontra, nas Ciências Linguísticas, instrumentos para o estudo da historicidade do homem, pode-se citar a conhecida obra da lingüista Julia Kristeva, *História da Linguagem*, como um também expressivo exemplo de como as Ciências Linguísticas encontram, na História, elementos para o estudo da linguagem: particularmente a segunda parte da obra, "A linguagem na história", que é uma análise da linguagem através e a partir de uma História antropológica do homem (KRISTEVA, 1983).

Se o tema deste artigo fosse "História e Ciências Linguísticas", as correlações apenas superficialmente apontadas acima deveriam ser desenvolvidas e aprofundadas. Mas não são essas as correlações que se pretende submeter a uma reflexão, mas as correlações entre História e linguagem, isto é, entre História e o objeto das Ciências Linguísticas. Como foi anteriormente afirmado, embora seja possível e até pertinente buscar uma correlação entre a História e as Ciências Linguísticas, como se espera ter demons-

trado, a conexão que realmente se impõe como mais relevante é da História com a linguagem, e não propriamente com as ciências que a tomam como objeto. Voltemo-nos, pois, para as relações entre História e linguagem.

História e linguagem

São duas as perspectivas sob as quais se pode analisar a conexão entre História e linguagem. A primeira considera a linguagem, mais especificamente a linguagem escrita, como a forma de expressão da História, e volta-se para o estudo daquilo que Michel de Certeau chama "a escrita da História" (CERTEAU, 1982), ou para o estudo daquilo que Peter Gay chama "o estilo na História" (GAY, 1990). A segunda considera a linguagem como a fonte privilegiada da História, e volta-se para o estudo do processo de reconstrução, pelo historiador, de significados, a partir de significantes que sugerem ou permitem a reconstrução do passado.

De uma certa forma, a caracterização que Peter Gay faz do historiador como sendo simultaneamente um escritor e um leitor contempla essas duas perspectivas: "Ele (o historiador) é um escritor profissional e um leitor profissional. Como escritor, sofre a pressão de se tornar estilista mantendo-se cientista; cabe-lhe proporcionar prazer sem comprometer a verdade. Seu estilo pode ser uma ferramenta convencional, uma confissão involuntária ou uma iluminação admirável. Como leitor, ele preza a qualidade literária, absorve fatos e interpretações, explora as palavras diante de si em busca de verdades atuantes sob a superfície; o estilo, para ele, pode constituir um objeto de satisfação, um veículo de conhecimento ou um instrumento de diagnóstico." (GAY, 1990, p.18).

A primeira perspectiva — a linguagem como forma de expressão da História, a historiografia como indissociável da escrita, o historiador como escritor — põe em jogo o próprio estatuto da História e da historiografia. Se, como diz Michel de Certeau (1982), a História é um fazer falar

o fato que se cala, é um dizer a respeito da "opacidade silenciosa da 'realidade'" (p.14), através da escrita que, indissociável da historiografia, transforma o dado em construído, "transforma a tradição recebida em texto produzido" (p.17), fica posto o problema da clivagem entre o discurso e os fatos e, com ela, o problema do próprio estatuto da História. Estatuto que Peter Gay, pondo sob foco o estilo da escrita histórica, discute à luz da dicotomia entre ciência e arte: é a História uma arte, por ser uma escrita, e, por isso, inevitavelmente um estilo de escrita, portanto, um ramo da literatura? ou é a História uma ciência, por ser a busca da verdade passada? Gay traduz essa dicotomia afirmando que a história da História é "um debate inconcluído entre os defensores da beleza com verdade e os defensores da verdade sem beleza" (p.169). E conclui — que "o estilo é a arte da ciência do historiador" (p.196), afirmando assim que a História é ciência, e que a escrita da História pode ser arte, e que pode haver ciência com arte. Mas é essa uma controvérsia cuja discussão cabe aos que militam no campo da História, e por isso podem e devem discutir seu estatuto, não propriamente aos que militam no campo das Ciências Linguísticas.

Já a segunda perspectiva sob a qual se pode analisar a conexão entre História e linguagem — a linguagem como fonte privilegiada da História e da Historiografia — suscita reflexões que pode fazer com mais segurança quem milita no campo das Ciências Linguísticas.

O problema fundamental que aqui se coloca é a concepção de linguagem que se assume, quando se buscam as relações entre História e linguagem. Sem mencionar ou discutir outras possíveis concepções, assume-se aqui a concepção de linguagem como enunciação e como discurso.¹

Se assumimos essa concepção, particularmente para analisar os fenômenos da leitura e da escrita, constituintes da construção da História, evidenciam-se as relações entre esta e a linguagem. É que, se, como afirma Peter Gay, o historiador é fundamentalmente um leitor e um es-

critor, a História precisa buscar respostas a estas perguntas: o que é ler? o que fazemos quando lemos? que fenômeno é este, a leitura? o que é escrever? o que fazemos quando escrevemos? que fenômeno é este, a escrita? Uma concepção de linguagem como enunciação e como discurso traz, para essas questões, respostas que podem representar significativa contribuição à História e à historiografia.

A perspectiva enunciativa e discursiva define a leitura como uma relação de interlocução entre leitor-texto-autor,² de que resulta uma produção de sentido pelo leitor que, embora controlado pelos protocolos de leitura que o autor lhe impõe, compreende e interpreta o texto determinado por seu contexto sócio-cultural-histórico, seus objetivos, sua visão de mundo, seus conhecimentos prévios, suas expectativas, a imagem que faz do autor. A leitura que o leitor produz é, assim, resultado da atividade social, cultural e linguística que sobre o texto e o autor ele exerce.

Paralelamente, a escrita, sob a perspectiva enunciativa e discursiva, é também uma relação de interlocução, processo que articula autor-texto-leitor: o autor, determinado por seu contexto sócio-cultural-histórico, seus objetivos, sua visão de mundo, seus conhecimentos prévios, suas expectativas, produz um texto, também determinado pela imagem de leitor que o autor para si constrói, atribuindo-lhe certos conhecimentos prévios, certos objetivos e certa visão do mundo, certas expectativas — o "leitor-modelo" de que nos fala Umberto Eco (Eco, 1979). A escrita é, assim, resultado da atividade social, cultural e linguística do autor sobre seu texto e sobre seu "leitor-modelo".

Nessa perspectiva enunciativa e discursiva, o historiador, como leitor dos documentos a partir dos quais constrói a História, produz o sentido do documento, e essa produção dá-se como resultado do ser que é esse historiador-leitor, ser social, cultural, histórico, movido por certos objetivos, provido de certos conhecimentos, de certo quadro teórico e de certas expectativas, e ainda de uma imagem que constrói do texto e de seu autor.

¹ A palavra discurso tem uma grande diversidade de acepções, que não cabe discutir nos limites deste artigo; aqui, considera-se discurso a produção de sentido que se constitui em uma instância de enunciação, como resultado do contexto histórico (social, cultural, ideológico) em que ela se dá, e da situação de interação em que locutor e alocutário interagem, cada um também marcado por sua específica condição social, cultural, ideológica.

² Texto é aqui considerado como o conjunto de enunciados orais ou escritos — na presente análise, mais especificamente escritos — que dão materialidade ao discurso — o texto é o objeto empírico para uma análise do discurso.

Sendo escritor da História que pela leitura construiu, o historiador-escritor produz uma escrita que é resultado de uma outra produção — a produção de sentido que foi sua leitura — e de sua relação com o texto que vai produzindo e com o leitor que prevê.

Para tornar mais claro esse processo de construção da História, tal como pode ser analisado sob a perspectiva enunciativa e discursiva, tomo um exemplo: *O Queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg (GINZBURG, 1987). É um exemplo que permite uma análise particularmente acessível e rica: acessível, porque se trata de uma obra amplamente divulgada e conhecida; rica, porque se trata de um “escrito histórico”, como o denomina seu autor (p.13), que se faz sobre uma leitura histórica de documento que se refere, fundamentalmente, à leitura.

O Queijo e os Vermes é uma escrita produzida por Ginzburg a partir da leitura que produz de um texto que é a escrita produzida por um inquisidor a respeito da leitura produzida pelo moleiro Menocchio. Escrita e leitura, leitura e escrita cruzam-se, assim, em *O Queijo e os Vermes*.

Menocchio, leitor de certos autores e certos textos, fala da leitura que produzia desses autores e desses textos; ouvindo-o, o inquisidor registra o discurso de Menocchio e se faz autor que, sendo quem é, e naquelas circunstâncias históricas, sociais e culturais, e para aqueles fins, e para aqueles interlocutores, produz um texto, tudo isso ocorrendo no século XVI; no século XX, Ginzburg se faz historiador-leitor desse texto — texto que é uma escrita produzida quatro séculos antes sobre leituras produzidas quatro séculos antes — e, sendo quem é, e nas circunstâncias históricas, sociais e culturais do século XX, e para os fins que tem, produz seu sentido da escrita do inquisidor e também produz seu sentido da leitura de Menocchio; faz-se em seguida historiador-escritor de *O Queijo e os Vermes*, sendo quem é, e nas circunstâncias históricas, sociais e culturais do século XX, e para os fins que tem, e para interlocutores que encarnem o seu “leitor-modelo”, e que define como sendo simultanea-

mente “o leitor comum” e “o especialista” (GINZBURG, p.13).

Na verdade, Ginzburg faz uma análise das leituras de Menocchio sob a perspectiva discursiva, pois busca caracterizar a leitura do moleiro como produção de sentido, produção explicada pelo “crivo que Menocchio interpôs inconscientemente entre ele e os textos, obscuros ou ilustres, que lhe caíram nas mãos”, crivo imposto pela “cultura camponesa da Europa pré-industrial” (p.12).³

Mas também a escrita que o inquisidor faz dos depoimentos de Menocchio mereceria uma análise sob a perspectiva discursiva: que “crivo” interpunha-se entre o inquisidor e o texto que produziu? De todas as coisas que foram ditas por Menocchio, que coisas foram registradas e que forma foi escolhida para registrá-las?

E a perspectiva discursiva permite (ou exige?) ainda uma análise da leitura que o próprio Ginzburg faz da escrita que o inquisidor produziu ao registrar a fala de Menocchio: que “crivo” interpõe-se entre Ginzburg, historiador-leitor, e o documento que lê e para o qual produz um sentido?

Da mesma forma, a escrita que Ginzburg produz — o “escrito histórico” dirigido “ao leitor comum bem como ao especialista” (p.13) — pode ser analisada sob a perspectiva discursiva: que “crivo” interpõe-se entre Ginzburg, historiador-escritor, e o texto que produz para o seu “leitor-modelo”? As próprias marcas inscritas no texto e concretizadas na forma gráfica do livro — a *mise en texte* e a *mise en livre*, nos termos de Chartier (1993, p.101) — revelam explicitamente algo desse “crivo”: determinado pela imagem que faz de seus dois “leitores-modelo”, o “leitor comum” e o “leitor especialista”, de certa forma incompatíveis, Ginzburg procura impor dois diferentes protocolos de leitura: apresenta as notas, um discurso de especialista (historiador) para especialista (historiador), no fim do livro, sem remissão no texto, “para não atravancar a narrativa” (p.13) — porque a “narrativa” é a faceta do texto que interessa sobretudo ao “leitor comum”; e mais: divide o texto em partes numeradas sem títulos

³ Entre muitos outros, ainda este outro trecho de *O Queijo e os Vermes* (p. 89) evidencia a produção de sentido que se dá na interação de Ginzburg com os textos do inquisidor e a produção de sentido que Ginzburg supõe ter havido na interação de Menocchio com os livros que lera: “Mais do que o texto, (...) parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa — um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que exagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menocchio deformando a sua leitura. Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral.”

(certamente evitando fragmentar a narrativa, para o “leitor comum”), mas apresenta os títulos dessas partes no Sumário (um discurso para o “especialista”).

E finalmente, a leitura que produzimos do livro de Ginzburg — sejamos nós leitores comuns ou leitores especialistas — merece também uma análise e um controle sob a perspectiva discursiva: que “crivo” interpõe-se entre cada leitor comum e o texto de Ginzburg? entre cada leitor especialista e o texto de Ginzburg?

O exemplo evidencia as relações entre História e linguagem: a linguagem, entendida como enunciação e discurso, pode ser instrumento do historiador-leitor — instrumento de análise das fontes documentais, como foi para Ginzburg;

pode e talvez deva exercer controle sobre a leitura que o historiador-leitor faz das fontes documentais; pode e talvez deva dirigir o historiador-escritor na escrita da História; e, finalmente, pode e talvez deva orientar a nossa leitura da escrita histórica.

Conclui-se — talvez com o viés de quem milita na área das Ciências Linguísticas, e não da História, e por isso privilegiava a linguagem — que a História não se dissocia da linguagem: é fundamentalmente a linguagem que constrói a História, porque, voltando a Peter Gay, para com ele terminar, o historiador é, essencialmente, um leitor e um escritor, portanto, sua fonte e seu instrumento são a linguagem, e é por ela e com ela que ele constrói e produz a História.

Referências Bibliográficas

- PORTER, Roy. Introdução. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy (org.). *Linguagem, indivíduo e sociedade*. trad. Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- CHARTIER, Roger. Du livre au lire. In: CHARTIER, Roger (org.). *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, 1993. p. 101.
- COSERIU, Eugenio. *O Homem e sua linguagem*. trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.
- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- ECO, Umberto. O leitor modelo. In: _____. *Lector in fabula*; a cooperação interpretativa nos textos narrativos. trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GAY, Peter. *O estilo na história*. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. trad. Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1983.